

## **CABELOS E TURBANTES: AS AFROS ESTÉTICAS DO COTIDIANO HISTÓRICO.**

**MARLENE PEREIRA DOS SANTOS.**

**Mestra em Educação. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira.  
Universidade Federal do Ceará.**

**HENRIQUE CUNHA JUNIOR.**

**Professor Titular. Universidade Federal do Ceará.**

### **RESUMO**

Africanidade e afrodescendência são dois conceitos que instruem a continuidade da base histórica e filosófica das populações do continente africano e da diáspora e implicam em valores e modos de vida que se reproduzem em situações e tempos históricos diferentes. Os cabelos e turbantes fazem parte de um acervo estético e filosófico dos povos do continente africano que são retomados em diversos momentos nas sociedades da diáspora. O artigo é parte de uma pesquisa de extensão universitária realizada de 2010 a 2012, realizada como parte da formação continuada de professores do ensino médio, estudando os turbantes e cabelos de mulheres negras ao longo da história. Parte de fotos antigas e figuras de povos africanos, perpassa as fotos de mulheres negras no escravismo brasileiro e mergulha no pós-abolição com os alisamentos e modas das décadas de 1930 e 1940, fixa os momentos de retomada e discussão da identidade negra positiva, com cabelos e tranças com parte da moda cotidiana. A base do trabalho é a fotografia e o estudo da representação como parte da história. A representação do ser negra através destes cabelos e turbantes é o eixo do artigo proposto. Os conceitos utilizados no estudo são identidade. Representação social. Africanidade e afrodescendência. Cultura africana e cultura negra. Movimento negro.

**Palavras-chaves.** Cabelo e turbantes, mulheres negras, iconografia, identidade cultural.

#### **1- PENSANDO NO EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA.**

Cabelo e adornos da cabeça são partes da identidade individual e coletiva das mulheres negras através dos tempos. Neste trabalho estamos pensando a história dividida em quatro tempos, o tempo africano, através do Antigo Egito e das sociedades africanas; o tempo do escravismo criminoso; o tempo do pós-abolição, dividido em dois momentos, o das décadas de 1930 – 1950, da existência dos clubes sociais negros e o do período dos movimentos de consciência negra e da beleza negra. No trabalho as imagens caracterizam os diversos tempos.

Nas culturas africanas aparece como parte das questões culturais e religiosas, compõe um conjunto arqueológico possível de ser pensado desde o Egito até o presente. As culturas tradicionais as mulheres se apresentam com grande incidência com turbantes, tranças e adornos de cabeça. Um enorme conjunto de exemplos está disposto na literatura sobre cultura e arte africana. Deste selecionamos um conjunto de imagens que permite entender a amplitude do tema e compor um acervo sobre mulheres africanas, cabelos e turbantes (CORDONNIER, 1982). Pensando no âmbito do trabalho realizado como um primeiro discurso inaugural das mulheres negras.

Na fase histórica do escravismo criminoso encontramos as mulheres negras em quatro condições sociais, a de livres, a de libertas, as escravizadas de ganho e de escravizadas. Dentre estas mulheres existiram as ganhadeiras e as quitadeiras. Outra situação foi das mulheres negras nas irmandades religiosas dos Homens Pretos. Existe um acervo fotográfico e iconográfico, geralmente pouco conhecido pela população, que nos permite uma revisão da história das mulheres negras na sociedade do escravismo criminoso. A seleção de imagens neste acervo foi pensando com um segundo discurso possível na história das mulheres negras no Brasil.

Mas o período do pós-abolição existiram fortes pressões do racismo anti negro, de desqualificação social da população negra para o trabalho e a consequente forças de remodelamento das identidades negras. Uma fase onde a moda dos alisamentos e estilos de cabelos se afastaram dos modelos das africanas tradicionais, dos turbantes, dos cabelos naturais, e criaram parte uma expressão negra de uma época. Foi uma fase histórica da existência de clubes sociais negros (ESCOBAR, 2014) e a fotografia dos bailes e festas permitem captar um conjunto de fotografias de mulheres negras e dos cabelos da época. Constituem no trabalho realizado de seleção de imagens um terceiro momento histórico (RODRIGUES, 2012).

Os movimentos negros, a partir dos anos de 1960, trabalham os conceitos de beleza negra e de consciências negra (CUNHA JUNIOR, 1992). Com estes aparece uma diversidade de usos dos cabelos naturais, de tranças e nos últimos tempos de turbantes. A variedade de modos de uso de cabelo e turbantes criam um amplo repertório de imagens e da representação das mulheres negras na atualidade que também é registrada pela fotografia dos encontros dos movimentos negros. Constitui um acerto que representa um quatro período da história das mulheres negras (GIACOMINI, 2006).

Ter história, ser parte da história, o ser e o ter fazem parte da construção de identidade de um grupo social. A construção da história social de uma população pode ser realizada de diversas formas e utilizando vários tipos de acervos, no caso deste trabalho, o da fotografia e de figuras históricas sobre a mulher negra, sobre as formas estéticas de cabelos, turbantes e adornos de cabeça. As imagens constituem um discurso como parte da história. São fragmentos que produzem discursos e noções de pertencimento, que carregam na sua subjetividade a construção da identidade dos indivíduos e do coletivo. No sentido do empoderamento da mulher negra, da construção de identidade, com a intenção da produção de um discurso histórico positivo é que as imagens foram selecionadas. Visto que a estética dos cabelos e dos adornos de cabeça femininos é uma preocupação constante dos coletivos de mulheres negras, como elaboração de um sistema de combate ao racismo antinegro é que o acervo recolhido se justifica. Neste artigo apresentamos apenas algumas imagens a título de exemplificação.

A produção de história da população africana e dos descendentes na diáspora esta sendo realizada sobre diversos enfoques. O nosso enfoque é o da africanidade e afrodescendência, assim este artigo apresenta estes conceitos como base para realização da abordagem histórica. O material da pesquisa realizada foi utilizado na formação de professores do ensino médio.

## **2- O UNIVERSO CONCEITUAL E O CONFLITO IDEOLÓGICO.**

Para entender a produção do conceito de africanidade é necessário compreender dois fatores que ocidente científico indiretamente sempre nega. O primeiro fator negado é a existência de pensadores e cientistas africanos ao longo de 6000 anos de história. O segundo fator é que esta camada de pensadores e cientistas dentro das sociedades africanas não se desfez com a colonização europeia. Embora, entre 1880 e 1914, os europeus tenham feito o aprisionamento das elites governantes e pensantes africanas e os deportados do continente, em muitos lugares grupos permanecem e escaparam ao controle europeu. Dentro deste grupo que escaparam ao controle no Senegal figura a família de Diop. Cheikh Anta Diop, um intelectual de muitas formações, indo da física a arqueologia, conhecedor de línguas e linguística africana, profundo pesquisador sobre a continuidade da cultura do Egito antigo nas culturas contemporâneas do continente africano. Assim,

Diop estava na posição privilegiada de poder ir além do que a cultura do ocidente oferece e redefina a cultura africana e a unidade cultural e elaborou o conceito de africanidade.

O conceito de africanidade é muito simples, diz da existência de uma unidade cultural africana que conecta o passado das civilizações do Rio Nilo, descritas como parte da história da antiguidade nos manuais de história ocidental, ao presente das sociedades africanas. Esta unidade cultural funciona como um eixo de base de onde emerge uma diversidade de povos e culturas do continente, conservando a unidade africana e produzindo a diversidade africana. O conceito teoriza sobre a existência de uma unidade dentro da diversidade de culturas, povos e nações africanas. O continente produziu em si um eixo civilizatório. Embora o conceito africanidade tenha sido amplamente exemplificado e demonstrado a sua validade por Diop (DIOP, 1954), (DIOP,1959), Théophile Obenga, (OBENGA,1977), (OBENGA,1993), Rex Nettleford (NETTLEFORD,1972), (NETTLEFORD,1970), ele sofre uma série infundável de ataques e contestações. Diop e o seu pensamento são taxados de a-historicos, conseguimos entender a rejeição do conceito, pois ele muda a perspectiva da história. Com base nele existe a necessidade em repensar a cronologia da história apresentada como antiga, e idade média e moderna. Não existe tal cronologia para o continente africano, e se consideramos os Mouros na Península Ibérica, ela não serve nem para o continente europeu. Como também o conceito leva a superar todas as metodologias atuais da história criadas no ocidente.

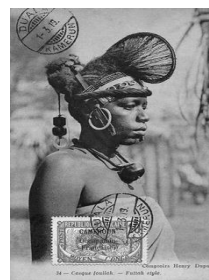
Afrodescendência é antes de tudo um território mental, é um espaço de liberdade e de autonomia para uma escrita própria de nós mesmos. Um terreno com terra africana virgem das ideologias eurocêntricas, uma base filosófica de nossos ancestrais, sobre a qual podemos pensar sobre nós mesmos enquanto coletivo, livres na medida do possível, das influências do racismo antinegro. Tendo consciência do eurocentrismo e do racismo anti negro, da sua potencialidade de quanto estes enquanto ideologia impede até os próprios brancos, e mesmo a civilização europeia de se verem como eles mesmos são. Eles se veem sempre em relativa e inconsciente comparação de como seria a humanidade se não fosse eles o salvador desta através da racionalidade, da eficácia e da justiça. Eles se veem como parte da humanidade que utiliza a razão em lugar da emoção, empregando uma falsa ilusão de razão superior. Afrodescendência é a terra fértil, necessitando sempre em ser bem tratada, e que como tal nos dá os elementos para nos pensarmos na diáspora a partir das nossas verdades, das nossas realidades, descritas e pensadas por nós mesmos. Acreditamos nos nossos ancestrais, pedimos cotidianamente a proteção deles, isto não nos impede de ver a realidade em que vivemos e lutarmos para sua modificação (CASSI, 2010).

Acreditamos também que somos autores das nossas ideias, e que não precisamos de ninguém para nos autorizar a pensar a partir delas. Somos autônomos, colaboramos na construção da ciência com quem nos respeita. Dialogamos com quem respeita os nossos valores, as nossas ideias, as nossas próprias versões sobre a realidade, sobre o mundo. Estabelecemos um campo de ruptura de onde falamos e para com quem dialogamos, e como fazemos a nossa ciência. Ciência que resolve os nossos problemas, os problemas específicos das populações negras, na nossa razão direta e respeitosa com as demais populações. Sabemos que somos uma coletividade humana, de interações de ações e reações e que o equilíbrio, a equidade e a fraternidade são necessários, para a vida humana digna. Mas sabemos que no estado atual das relações sociais, de individualismos e de obseção patológica aos privilégios, fica muito difícil de realizarmos. No entanto, a pesar de tudo, do

escravismo criminoso, do racismo anti negro, da realidade difícil em que vivemos, continua sendo o nosso desejo de transformação da sociedade. Afrodescendência é parte da construção desse desejo. De toda forma, afrodescendência é a nossa auto inscrição, protagonista, na história e no fazer científico. A partir desta forma de pensar traçamos caminhos para apresentar cabelos, turbantes, estética afro-brasileira transitando na arte das imagens, pois através de fotos de acervos cedidos, pesquisados e também de acervo próprio, explicitamos a estética, moda e glamour afrodescendente e contribuimos para o ensino e aprendizado da história e cultura afro.

### 3- EXEMPLOS DAS IMAGENS SELECIONADAS.

As fotografias apresentadas abaixo estão todas disponíveis na internet, com exceção do último bloco de imagens, sobre a atualidade, que são do acervo pessoal dos autores.



Imagens do antigo Egito e das sociedades africanas.



Imagens das sociedades africanas.



Imagens do período do escravismo criminoso.



1. Clube dos anos 30, SP.

2. Clube das Margaridas 1930.

3. Clube negro de campinas – SP 1950.



a)



b)

a) Movimento negro dos anos 1970 - Foto de militante Lelia Gonzales.

b) Foto de feminismo de mulheres negras do Rio de Janeiro década de 1970.



++ A seleção de fotos faz parte de um desfile de estilos representando a atualidades.

#### 4- NAS CONCLUSÕES.

O uso das imagens e da fotografia propicia um amplo elenco de propostas interdisciplinares sobre a história de mulheres negras. Podemos neste conjunto fazer referência a geografia, história, cultura, política, economia, relações sociais e relações de poder. O acervo fotográfico incluir fotografia de obras da arte africana contida em museus e que tratam o continente africano desde o antigo Egito, as sociedades do período colonial e a presença da mulher e da sua imagem em todas elas. A associação da mulher ao poder, ao matriarcado, a terra, a fartura e a procriação, são fatores positivos para a introdução da discussão do tema de gênero nas sociedades africanas tradicionais, na contemporânea e na diáspora. O acervo iconográfico possibilitou muitas discussões sobre a imagem da mulher negra através dos tempos históricos e enseja reflexões para o problema de formação contínua de professores.

O estudo de cabelos e turbantes constitui um elenco de conhecimentos interdisciplinares que podem ocorrer com forma de produção de uma educação formal ou informal sobre a história e cultura africana e afrodescendente. A educação seja formal ou informal, depende a situações que este acervo é apresentado, e do contexto do encaminhamento das discussões. Independente da forma que é utilizado o material produzido, concluímos que a pesquisa realizada e o material apresentado no artigo constituem uma contribuição original e lúdica para discussões de identidade negra, cultura negra, mulheres negras, estética da mulher negra, ensino de história e cultura africana e afrodescendente.

#### 5- BIBLIOGRAFIA.

BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afrosiatic Roots of Classical Civilization*. Vol. I,II,III. Rugar University Press. 1991.

CASSI, Ladi Reis Coutinho. *A estética dos cabelos crespos em Salvador*. Santo Antônio de Jesus-BA: Mestrado. UNEB. 2010.

CORDONNIER, Rita. *Femmes Africanines et commerce: lês revendeuses de Tissu de Lomé (Togo)*. São Paulo: Doutorado USP. 1982.

CUNHA JUNIOR, Henrique. *Tecnologias africanas na formação histórica do Brasil*. Rio de Janeiro: CEAP. 2010. +

\_\_\_\_\_. Afrodescendência e africanidade: um dentre os diversos enfoques possíveis sobre população negra no Brasil. *Revista Interface dos Saberes*. 2013.

\_\_\_\_\_. Afrodescendência, Pluralismo cultural e Educação. *Pátio Revista Pedagógica*. 1998.

\_\_\_\_\_. *Textos para um movimento negro*. São Paulo-SP. Editora EDICON, 1992.

DIOP, Cheikh Anta. *Nations nègres et culture*, Paris: Éditions Africaines. 1954.

\_\_\_\_\_. (1959) *L'unité culturelle de l'Afrique noire: domaines du patriarcat et du matriarcat dans l'antiquité classique*, Paris: Présence Africaine. 1959. [ISBN 978-2-7087-0406-](https://www.isbn-international.org/number/978-2-7087-0406-1)

GIACOMINI, Sonia Maria. *A Alma da festa - família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Ed AFMG; Rio de Janeiro Ed. IUPERJ; 2006.

GOMES, Fábio Lorenço. *Pan-africanismo, historiografia e educação: experiências em Cabo Verde e no Brasil*. FORTALEZA: Mestrado em Educação. 2014.

ESCOBAR, Giane Vargas. *Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. Santa Maria-RS: UFSM. 2014.

JAMES, George G. M. *Stolen Legacy: Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy*. *Journal of Pan African Studies*. 2009. (Primeira edição 1954).

HERTBERG, Jan Steven. *The African religious heritage im Bahia, Brazil*. Mestrado USP. 1977.

QUERINO, Manoel. *O Colono preto como fator de civilização brasileira*. 1916.

RODRIGUES, Sylvia. *Referências étnicas africanas na moda brasileira contemporânea em duas leituras: Goya Lopes e Walter Rodrigues*. UNESP. Mestrado. 2012.

NETTLEFRD, Rex .*African Connexion: Parallels; Historical Continuity; Panafricanism; African in the World*, University of the West Indies .1972.

\_\_\_\_\_. *Mirror, Mirror: Identity, Race and Protest in Jamaica* (1970), Kingston: Sangster and Collins.

OBENGA, Théophile. *Le Zaïre, Civilisations traditionnelles et Culture moderne (Archives culturelles d'Afrique centrale)*, Paris: Présence Africaine, 1977.

\_\_\_\_\_. *Origine commune de l'égyptien ancien, du copte et des langues négro-africaines modernes – Introduction à la linguistique historique africaine*, Paris: L'Harmattan, 1993.